

## A FILOSOFIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O 2º GRAU

Maria Teresa Penteadó Cartolano\*

### 1. INTRODUÇÃO

Os cursos de formação de professores para o ensino de 2º grau, ou seja, as Licenciaturas, têm constantemente se constituído como “problema” nos meios educacionais. O conteúdo de tais cursos está organizado em conjuntos “interdisciplinares”, ou seja, a parte comum do currículo, a parte diversificada e a de formação pedagógica. O presente trabalho pretende refletir, especificamente, sobre o conteúdo que integra a “parte pedagógica” desses cursos.

O conteúdo de “educação” nos currículos plenos das Licenciaturas restringe-se às seguintes disciplinas: Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia da Aprendizagem, Ensino de 1º e 2º graus (correspondendo à Estrutura e Funcionamento do Ensino), Metodologia do Ensino de 1º e 2º graus (correspondendo à Didática e Prática de Ensino). (1) Neste rol de disciplinas, constata-se clara e concretamente, a ausência de qualquer reflexão mais rigorosa e fundamental, sobre os problemas do Homem e da Educação, e, neste sentido, constata-se a inexistência da Filosofia.

Por que não existe Filosofia no rol das disciplinas pedagógicas obrigatórias que constituem o currículo pleno dos cursos de Licenciatura ?

Eis a questão em que o educador se coloca, freqüentemente, educador esse, que está engajado na realidade concreta e, de algum modo, preo-

---

\* Mestranda em Filosofia da Educação na PUCSP; Professora da Faculdade de Educação da UNICAMP.

(1) conforme Indicação nº 68/75 do C.F.E., homologada pelo Excelentíssimo Ministro da Educação.

cupado com o estatuto da Educação. Desta preocupação, nasce a necessidade de se pensar filosoficamente o Homem, e os problemas de sua educação. Daí a origem deste trabalho.

## 1.1 Origens do Problema

A presença ou ausência da Filosofia como disciplina obrigatória, integrante da parte de "formação pedagógica" das Licenciaturas, está vinculada, direta ou indiretamente, a causas culturais, econômicas, políticas e sociais.

Quando se fala em "Filosofia" ou "Filosofias" vem, imediatamente, à consciência, a questão de seu significado e importância, dentro da realidade brasileira. Pensando-se em termos de São Paulo, por exemplo, é possível afirmar que existe uma realidade cultural e econômica em franco desenvolvimento. Neste Estado, as técnicas e as tecnologias vêm sendo utilizadas em grande escala, condicionando uma economia sempre mais industrializada e criando novos valores para orientar o modo de conduta do ser humano. Estas transformações produzidas pelo próprio homem influenciam seu agir e pensar que, paulatinamente, vão-se automatizando e se limitando a um universo cada vez mais restrito e especializado do conhecimento.

Por outro lado, agora em termos de Brasil, a tendência é a de supervalorização das profissões técnicas e liberais, deixando em segundo plano aquelas que tratam com o homem — as "ditas" ciências humanas. Humanismo e tecnologia, apesar das tentativas em contrário, permanecem realidades dicotômicas. O "tecnicismo" domina toda ação do Governo e contribui para uma crise de significação, no homem.

Quanto ao aspecto social do problema da Filosofia, decorrente e ao mesmo tempo concomitante aos anteriores, ou seja, ao político, econômico e cultural, ele se manifesta, essencialmente, nas relações do homem com seus semelhantes. É a sociedade, como um grupo de pessoas com padrões culturais semelhantes, que tem influências mais diretas sobre o homem, já que está presente nele, desde o seu nascimento.

Da família, as influências estendem-se à comunidade e às instituições, que sempre têm sua hierarquia de valores morais e intelectuais. É do ponto de vista deles que se valorizará, ou menos, ou nada, uma ou outra "formação" profissional das pessoas. E mais concretamente: a sociedade brasileira tende

a marginalizar, aqueles homens que se apresentam como “filósofos”. A justificativa de tal posição talvez esteja no fato de o Brasil não ter percebido, ainda, a Filosofia como problema.

## 1.2 Delimitação do Problema

Constituir-se-ia uma pretensão, se o presente trabalho tivesse a intenção de analisar em toda a realidade brasileira, até seus limites geográficos, o problema da Filosofia nos cursos de formação de professores para o 2º grau. Assim sendo, ter-se-á como ponto de partida a Indicação nº 68/75 do Conselho Federal de Educação, aprovada em 4 de dezembro de 1975, que define a parte de formação pedagógica da nova Licenciatura.

O trabalho aqui proposto, não pretende analisar o texto legal em sua totalidade, mas se deter, especialmente, no item referente à listagem das disciplinas que compõem a parte da “formação pedagógica”. Partir-se-á da inexistência da Filosofia, — fato evidente no documento — , na formação do educador, e a seguir, procurará justificar a sua presença e necessidade na vida de qualquer ser humano, inclusive na do educador, assim como para concepção de educação.

## 2. A FILOSOFIA

### 2.1 Sua inexistência no currículo

Muito se tem falado sobre a filosofia, e diversos são os sentidos que ela tem assumido para o homem contemporâneo. Fala-se de filosofia, por exemplo, quando se quer referir a uma atitude acerca das atividades práticas ( a filosofia de vendas do José ou a filosofia de governo do presidente Geisel ); fala-se também em “filosofia de vida”, quando se quer referir ao conjunto pessoal de valores que orientam a vida de um sujeito em seu meio. Em ambos os casos, contudo, a orientação seguida é fornecida pelo ambiente em que a pessoa vive; constitui o modo natural, espontâneo, pré-refletido, pré-crítico, de o homem orientar-se na vida do dia-a-dia. Portanto, pode-se afirmar que a presença da filosofia não se vincula necessariamente, à existência de filósofos. Ela se faz presente, mesmo nos homens comuns, no cidadão, no político ou no cientista.

A filosofia está, neste sentido, ausente, só formalmente, na parte de formação pedagógica. Quando se admite que são “subjetividades” que põem em ação tal conteúdo, não se pode negar que, pelo menos implicitamente, encontram-se filosofias de vida, nestes conteúdos. Mas, permanecer em orientações pré-críticas e pessoais não pode constituir atitude de adesão e comprometimento aos problemas que apresenta a realidade. É preciso que se coloque entre parênteses os dados da “sabedoria” popular, para anunciar ao mundo a filosofia enquanto questionamento, reflexão, busca de soluções e de novos problemas. É necessário, porém, que o “saber” do senso comum constitua-se, de fato, como um **problema** a ser **refletido** e **criticado**, como um obstáculo a ser transposto, através de um conhecimento que é secundário, segundo (o conhecimento primeiro, primitivo, é pré-refletido, é o conhecimento das “filosofias de vida”).

É exatamente este, o ponto crucial da questão da presença ou ausência da Filosofia nos currículos de formação de professores, para o 2º grau, nas escolas brasileiras.

Será que a filosofia constitui **problema** para o brasileiro, em geral? Será que é importante para ele? Pode-se justificar alguma “filosofia brasileira”? É possível assumir alguma coisa que não se constitua em problema, a nível de **reflexão crítica**?

Diante destas questões, talvez se possa justificar o porquê da “não-presença” da Filosofia, enquanto postura que é própria de todo ser humano, na formação dos educadores. A filosofia enquanto **reflexão crítica**, é sempre referida a um dado contexto, e uma situação concreta; o pensar filosoficamente implica sempre, um pensar a respeito de problemas concretos e próximos ao sujeito; a postura “filosofante” enraiza-se em solo concreto, está sempre “em situação”. Neste sentido, a culpa de se responder negativamente a todas às questões levantadas anteriormente talvez esteja na própria formação histórica brasileira, **fundamentalmente importada** dos portugueses inicialmente, dos franceses, alemães, e atualmente, dos norte-americanos. De que tal importação fosse necessária nos tempos do colonialismo, ninguém duvida, mas que sua permanência continue sendo necessária, já é exagero.

Trata-se, pois, com a máxima urgência, de “compreender” a dependência e envolvimento com relação às **culturas** estrangeiras, para poder-se libertar deles. A emancipação de um filosofar autenticamente brasileiro, é uma tarefa que cabe a todos realizar. Sem isso, não há possibilidade de se falar em

filosofia brasileira e, ao mesmo tempo, de assumi-la como necessária à formação de educadores brasileiros e, na perspectiva deste trabalho, paulistas, é claro. Sua ausência pode, portanto, ser justificada por este antecedente histórico ( que não deixa de ser apenas uma explicitação do problema, dentre outras existentes ).

## 2.2 O que é Filosofia

“Sempre que uma Razão se expressa, inventa filosofia”. (2) Este é o ponto de partida, ou o fundamento, das condições de possibilidades de uma filosofia. Ao contrário do que, normalmente, se pensa, a filosofia é atitude inerente ao ser humano, é própria de seu modo de ser-no-mundo. Não se constitui em um sistema acabado de idéias — o empirismo, o cartesianismo ( ou idealismo ), o positivismo, o tomismo — mas é um pensar permanente, refletido e crítico, que coloca em questão as “verdades” da realidade.

Razão significa no presente contexto, o Homem enquanto um ser consciente, situado no mundo. Assim, todas as vezes que ele se “expressa”, que torna explícito o que tem de interior, está “filosofando”. A razão não é, portanto, “pura” e desligada do mundo; ela é o aspecto “refletido” da consciência; é a retomada dos irrefletidos.

A filosofia, na perspectiva deste trabalho, é, pois, reflexão sobre os problemas que a realidade apresenta. Refletir etimologicamente, é um voltar atrás, é um movimento da própria consciência sobre si mesma, que colocará em questão os aspectos “vividos” da experiência. Esta reflexão, contudo, deve ser radical, deve ir até os fundamentos do problema; deve ser crítica, de modo que coloque em questão os aspectos irrefletidos da realidade humana, apreendidos, portanto, por uma consciência mágica ou ingênua; e deve, ainda, ter em consideração o contexto no qual se encontra o **problema** questionado. Desse modo, a reflexão é “característica” eminentemente humana, pois somente o homem tem condições de possibilidade para tomar distância do “problema”, e refletir sobre ele; somente o homem reflete; somente ele pode intencionar, pela consciência, o mundo e o outro diferentes dele, mas ao mesmo tempo nele.

Além de se identificar, aqui, filosofia e reflexão, é preciso neste momento, que se tome uma posição diante do homem — sujeito da reflexão — e do mundo. O **filosofar** ( ou refletir ) sendo postura essencialmente

(2) Roberto, GOMES — “Crítica da Razão Tupiniquim” in Revista de Cultura Vozes, Petrópolis, Vozes, nº 5, 1974, ano 68, págs. 13 — 20.

humana, funda-se na existência — “ek sistere” — que é a própria condição humana. O homem somente tem condições de possibilidade para refletir porque é um ser aberto ao mundo, um ser em constante busca e para quem não há verdades acabadas e prontas, mas “em processo”. É pela **consciência** que ele conhece o “além dele” e a si próprio, e é pelo próprio corpo que se coloca “em situação”. Desse modo, a reflexão enquanto busca de soluções e de novos problemas, enquanto atitude de busca, justifica o próprio fato de “ek — sistere”, justifica a condição de ser humano.

A experiência do filosofar é pois, exclusiva do homem, já que somente ele pode pensar no que está ausente; só ele é capaz de projetos, de ação intencional e transformadora, de uma “práxis engajante”, enfim.

### 2.3 Para que serve ou por que é necessária ?

A filosofia é uma leitura segunda e reflexiva dos dados da experiência humana. É **segunda** porque pensa a existência, fato primitivo, que “é”, antes de qualquer coisa, que é anterior à intervenção do trabalho humano consciente. É segunda, ainda, porque constitui uma retomada crítica dos sentidos pré-refletidos da consciência, que não são contudo, totalmente **elucidados**. Se isso ocorresse, ou seja, se o homem pudesse desvelar todos os “irrefletidos”, não haveria sentido em se afirmar que não existe uma reflexão pura, assim como não seria impossível permanecer em “pré-refletidos”.

A tarefa da filosofia ou da postura filosófica em cada um dos homens é, pois, a de criar condições de possibilidade para o conhecimento secundário, para a passagem do meramente “sentido”, ou sensível, para o “mundo”, que é o lugar das significações. Nesta perspectiva, é que se pode justificar a presença da **educação**, de um lado, como “disciplinadora” ou “orientadora” de um pensar crítico-reflexivo, e, de outro, como aquela que facilita a tomada de consciência da situação problemática, permitindo tal reflexão. Em ambas as atuações, a educação terá como ponto de partida, uma análise do homem concreto, em sua situação concreta de vida.

Tendo em vista tal posicionamento, a ausência de filosofia, esta definida aqui, como “**postura**” de **reflexão** própria do homem, é bastante significativa, já que enseja uma formação árida e irrelevante do educador, ou “futuro professor”. Sua ausência nos currículos de Licenciaturas, ou seja, de formação ( ou licença para... ) de professores, revela de certo modo, um des-

crédito e desvalorização do próprio homem enquanto um ser em constante busca, em permanente "vir-a-ser". É a filosofia enquanto um pensar e agir refletidos, que possibilita "re-tomadas" da práxis educativa e do homem como sujeito de si mesmo diante do mundo e do outro. O educando deve "poder" e "ter" condições de refletir sobre sua situação, sobre as circunstâncias concretas, sobre o que o rodeia, para chegar a ser **sujeito emergente, consciente e comprometido** com sua realidade. A filosofia nesta abordagem, lhe dá tais possibilidades. Não deveria, ao contrário, se constituir em uma **disciplina a mais** no currículo ou um desfilar de doutrinas filosóficas, mas se possível, estar presente como reflexão e crítica fundamental em todas as "matérias" do currículo.

É notório saber **conotação** que tem a palavra "matéria" no contexto legal ( pelo menos é o que parece ): considera-se a instituição "Escola" como a Empresa que deve "fabricar", através de uma matéria-prima — o aluno ingressante mais o conteúdo, — um produto perfeito e acabado, para servir ao consumo geral da sociedade — o aluno "formado" com o "certificado de garantia" nas mãos — o diploma. E este papel decidirá toda a sua vida profissional, e muitas vezes, afetiva.

Longe de se assumir tal posição, alerta-se, neste trabalho, para a necessidade da reflexão rigorosa, radical e total sobre os dados que constituem a Educação, ou seja, além do professor, alunos e escola, também os educadores em geral e toda a sociedade. Portanto, a tarefa de "re-pensá-la" não cabe somente aos **escolarizados**, mas também, àqueles que por não penetrarem nos umbrais da "empresa", não são "consultados" por ocasião de uma reforma ou mudança.

A filosofia, então, como atitude crítica, ou consciência refletida, deve estar presente em todo processo de "se educar", de "ser-mais", ou de vir-a-ser, em outras palavras, no processo da Educação Permanente, que transcende a Escola e atinge o homem, sujeito da educação, desde o seu nascimento, até a sua morte.

A inexistência de postura filosófica ou a presença, no contexto da formação de educadores, engendra concepções diversas de Homem. É o que se verá a seguir.

### 3. CONCEPÇÃO DE HOMEM

Ter-se-á como referencial teórico no desenvolvimento deste subtema, a **antropologia filosófica** ( e suas implicações na educação, as quais serão tratadas no próximo momento do trabalho ) de **Paulo Freire**, que procura ter sempre em consideração a situação **concreta** e presente do homem. Paulo Freire é consciente de que existe por um lado, a realidade do homem com suas aspirações e suas condições de possibilidade de “ser-mais”, e por outro, a distorção dessa mesma realidade.

O ponto de partida da abordagem antropológica de Paulo Freire é a constatação de que o homem é um ser **problemático** e se descobre como tal: descobre que pouco sabe sobre si mesmo e a sua situação no mundo, e busca saber mais. Tal busca é o fundamento para sua humanização: é preciso que reconheça, que perceba, criticamente, a situação que causa conflito em sua própria vida, para poder transformá-la e, conseqüentemente, realizar-se como **sujeito livre e consciente**.

O homem contemporâneo sofre o mal-estar crônico da própria desumanização. Percebendo ou não, é condicionado pelos meios técnicos e pela própria cultura que o oprime e o faz acomodado à situação, impossibilitando-o de tomar decisões.

“Uma das grandes, senão a maior tragédia do homem moderno, é que hoje, dominado pela força dos mitos e dirigido pela publicidade organizada, ideológica ou não, renuncia cada vez mais, sem sabê-lo, à sua capacidade de decidir”. (3)

Permanece, quase sempre, na situação de espectador da história, em vez de optar por criá-la.

É necessário que se explicitem, portanto, os elementos básicos de uma antropologia que se pretenda edificadora do homem e de sua situação no mundo.

#### 3.1 O homem: ser-no-mundo e com-o-mundo

O homem é um ser existente, na verdade o único que tem estruturas: biológica, corpórea, psicológica e cultural para sê-lo. Existir é sempre

(3) Paulo FREIRE — Educação como Prática de Liberdade, pág. 42.

**existir com:** com o outro, com o mundo, com ele próprio; é estar em relação com..., e não apenas **em contato**, como ocorre com o animal. Este, é parte da natureza, não interfere, pela consciência, no mundo natural, não o transforma e nem faz cultura. Não **emerge** do tempo, mas, vive um hoje constante do qual não tem consciência. Acomoda-se a este mundo, sem nada construir.

Ao contrário do animal, porém, o homem encontra-se **enraizado** no tempo e no espaço em que vive. Não está no mundo como mero objeto, mas sabe distinguir o eu do não-eu; é capaz de objetivar-se e objetivar a realidade, de conhecê-la, de transformá-la de "relacionar-se" com ela. Capta o mundo e vive nele de maneira refletida e crítica, e não instintiva. Integra-se nele, por meio de seus atos de criação e recriação, de decisão, respondendo aos desafios que lhe são apresentados. Portanto, a vocação ontológica do homem é a de ser sujeito, e não um objeto entre outros.

A existência humana afirma-se na, e por uma dimensão histórica, pois o homem é um ser essencialmente preocupado com o seu próprio destino, ou seja, com seu devir, ao mesmo tempo em que se deixa angustiar com o momento presente, nascido de suas experiências já vividas e passadas. É neste processo de construção de si mesmo, pela transformação do mundo e de seus semelhantes, que o homem cria novos utensílios para a melhoria de sua existência. Sempre que realiza alguma atividade, ele a faz tendo em vista objetivos que ele mesmo se propõe. Sua ação transformadora é sempre **intencional** e dirigida para um **fim** ( é o caráter teleológico de sua práxis ). Neste sentido, somente o homem existente é ser histórico, autor e ator da própria história e da História dos homens. Somente ele possui condições de possibilidade **de existir com...**, pois que está aberto ao mundo e aos desafios que ele apresenta. Apreendendo-os pela consciência crítica ( ao mundo e aos desafios ), cria suas próprias condições para compreendê-los e transformá-los. Há, pois, nas relações do homem com o seu mundo, uma pluralidade de respostas aos diversos desafios e a um mesmo desafio. Há uma pluralidade na própria singularidade.

O mundo é o lugar no qual se dá a plenificação do homem consciente, ou a destruição do homem dominado pela consciência mágica. O mundo é uma realidade objetiva, independente do ser humano, mas possível de ser conhecida por ele. É o pólo objetivo das relações de conhecimento ou mais precisamente, é o pólo exterior à consciência, é a manifestação do tempo presente e imediato. O homem atua neste mundo presente e é capaz de transcendê-lo, de ir além dele, para retomar um passado vivido ou fazer projetos para

um futuro que há de vir. Portanto, é a descoberta de sua temporalidade que permite ao homem conscientizar-se da própria historicidade, ao mesmo tempo em que lhe dá condições de possibilidade para **interferir** como sujeito, nesta história. Esta intervenção somente se realiza, se mediada pela consciência.

### 3.1.1 A função da consciência na apreensão da realidade concreta.

O homem só se conhece a si próprio se em relação com o mundo; não há consciência de si, sem que haja consciência do mundo, quer dizer, sem uma consciência da situação concreta e histórica do mundo, no qual, ao mesmo tempo, provoca e obstaculiza o esforço de superação liberadora da consciência sem mundo, assim como não tem sentido pensar-se num mundo, sem uma consciência que o pense.

“A consciência é essa misteriosa e contraditória capacidade que tem o homem de distanciar-se das coisas para fazê-las presentes, imediatamente presentes. É a presença que tem o poder de presentificar: não é representação, mas condição de apresentação. É um comportar-se do homem frente ao meio que o envolve, transformando-o em mundo humano”. (4)

Enquanto condição de apresentação, a consciência é marca fundamental do existir humano, em sua totalidade. Torna presente o ausente e cria condições para “projetos” e retomadas de um passado significativo. A capacidade de presentificar as coisas é própria do homem, e somente dele: ao tomar distância do mundo, o faz pela reflexão, e, nesse sentido, pelo próprio ato de “tomar consciência” para conhecer.

O conhecimento que o homem faz de seu mundo e de si mesmo constitui-se em processo de humanização. Humanizar-se não é só adaptar-se como o animal, ao mundo da natureza, mas é também, participar e realizar história. Portanto, a consciência humana não está limitada à dimensão biológica, ao seu invólucro sem reverso, mas tende a horizontes sempre mais amplos. Esse “sem limites” da consciência, permite-lhe ir além das coisas presentes, e enfrentá-las como **objetos-problema**. A consciência por ser **intencional**, isto é, por “tender para...”, objetiva o mundo, ao mesmo tempo em que atinge o objetivável, ou seja, o que ainda não se objetivou, mas tem condições de possibilidade para sê-lo.

---

(4) Ernani Maria FIORI in Pedagogia do Oprimido. Paulo Freire, pág. 6.

As coisas do mundo, uma vez que se tornam **problemas** para a consciência que os intenciona, tornam-se obstáculos e interrogações, que a desafiam à superação. Daí a consciência ser sempre consciência “de” alguma coisa.

Mas, a consciência humana não se realiza somente como consciência do mundo, onde uma e outro constituem-se dialeticamente, num mesmo movimento, numa mesma história. A consciência do homem “edifica-se” na relação com outras consciências, também. Intencionando o mundo, o homem descobre-se como autor da sua história, e neste processo de auto-reconhecimento, conscientiza-se do mundo como **projeto humano**. Assim, o mundo passa a ser o mundo das **consciências intersubjetivadas**, isto é, um mundo construído através da colaboração, ou seja, do trabalho em comum entre os homens.

O processo de auto-reconhecimento realiza-se em plenitude, pelo reconhecimento do outro, neste mundo que lhe é, originariamente, comum. As consciências se encontram, nele, para se comunicarem entre si, para se relacionarem, com vistas à própria humanização e à humanização do outro. A intersubjetivação das consciências é, pois, construção progressiva, através da conscientização dos Homens – Sujeito; é a construção, através do diálogo, da própria história e da história dos homens. A humanização da história e do homem é decorrente desse diálogo intersubjetivo, assim como a intersubjetividade é o ponto de partida para a humanização. Este é, essencialmente, o processo pelo qual o homem liberta-se a si próprio e aos outros: reencontrando-se como sujeito, no diálogo, liberta-se e assume responsabilmente o sentido da história e da sua Cultura.

A função da consciência, no processo de apreensão crítica do contexto histórico, é a de estar sempre alerta aos desafios que a realidade apresenta, e sempre pronta a lhes dar respostas adequadas, isto é, respostas que tragam, em si, novas questões a se propor. A consciência é, neste sentido, o meio de acesso ao mundo e ao outro, através do corpo ( evidentemente ).

### 3.2 O homem: ser de comunicação

O homem não se constrói como sujeito, se não se comunicar com os seus semelhantes; não toma consciência de si, como “problema”, senão pela presença desafiante do outro; não toma consciência da realidade concreta na qual se encontra, senão pela presença de problemas comuns a ele e ao seu “vizinho”, problemas dos quais ele deve conscientizar-se.

O ser humano é, **originariamente**, um ser “ek-sistere”, um ser aberto ao outro e ao mundo, e que só é “Homem”, porque tem condição de possibilidade de usar a **palavra** isto é, a linguagem simbólica, para expressar sua objetividade. “Expressar-se, expressando o mundo, implica o comunicar-se. A partir da intersubjetividade originária, ( ... ) a palavra ( ... ) é origem da comunicação...” (5)

A condição de estar não só no mundo mas, também **com ele**, já revela o caráter de “fundamento” da comunicação: o homem afirma-se como pessoa humanizada se, e somente transformar o mundo pelo seu **agir** e **pensar conscientes**. Estes, por sua vez, implicam a necessidade da presença do Outro, para que a ação se concretize numa práxis engajante.

Assim como não é possível existir sem um mundo, também não há possibilidade de se pensar em “existências” isoladas umas das outras. O homem é essencialmente um ser de relações, que se constrói e se edifica ao transformar o mundo e o Outro. A sua comunicação se estabelece através do diálogo, ou da palavra escrita ou falada. Usa a linguagem de símbolos para expressar o “seu” mundo ao Outro. Expressando-se pela palavra, o homem responde aos problemas que a realidade concreta apresenta. Mas, tais respostas não se constituem, necessariamente, em reflexão e crítica, ao contrário, são muitas vezes respostas mágicas ( desligadas do contexto real, de alcance transcendental ) ou ingênuas ( movidas por uma superficialidade na interpretação dos fatos e na busca de soluções ) aos desafios do meio. Elas se tornarão respostas refletidas, quando o sujeito, ao tomar consciência da situação concreta, adequar seu universo vocabular a uma dada situação, de modo a criar respostas próprias e originais. Neste nível, ele, como sujeito, poderá “dizer-se”, “existenciar-se”, como ser criador da própria história, senhor de si e de sua ação, assim como da história de seus companheiros.

O diálogo faz-se presente numa comunicação autêntica, sendo bastante enfatizado por Paulo Freire, que lhe dedica uma atenção toda especial. Este trabalho não pretende, contudo, fazer discursos filosóficos ou pedagógicos a seu respeito. Seu objetivo é muito mais o de tornar explícita, a antropologia filosófica subjacente a sua “teoria do educar”, do que tratar, do que se poderia chamar, de a sua “teoria do falar”.

---

(5) Ernani Maria FIORI in Pedagogia do Oprimido. Paulo Freire, pág. 12.

## 4. CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO

### 4.1 Educação humanizante

Quando no início deste trabalho, se colocou a questão do “por que não existe filosofia nos cursos de formação de professores para o 2º-grau”, a preocupação fundamental era com a nova proposta “legal” a respeito de tais cursos, embora ainda não homologada pelo Ministro da Educação e Cultura. Propôs-se no item anterior, o suporte antro-po-filosófico desta reflexão, e agora pretende-se analisar criticamente a concepção de educação que tem como ponto de partida um estudo do homem em sua pluralidade de dimensões. Por outro lado, procurar-se-á caracterizar a educação do ponto de vista do documento legal citado ( a Indicação Nº 68, aprovada em 4 de dezembro de 1975, e de autoria do Conselheiro Valnir Chagas ).

A educação “antropologicizada”, que de certo modo é a proposta assumida por este trabalho, toma como seu ponto de partida o homem, enquanto for um **ser-consciente-no-mundo**. Mas, a primitividade da existência ( “ek-sistere” ) não basta ao projeto humano da ação educativa; é preciso que a práxis humana se coloque também como objetivo de toda a educação humanizante, portanto, devendo estar presente em todos os momentos, durante os quais se realiza a edificação do homem. Neste sentido, a educação é um processo **permanente** de conscientização e libertação da pessoa e não ocorre somente na Escola, mas, principalmente, fora dela.

A educação permanente realiza-se por um esforço, também permanente, através do qual os homens vão, passo a passo, percebendo criticamente, como estão “sendo”, como estão “existindo” no mundo no qual e com o qual estão. Trata-se, neste caso, de buscar **problematizar** a realidade concreta e de situar o homem em sua própria dimensão de estar também, **com** o mundo, isto é, de saber-se capaz de transformá-lo por sua própria criatividade e iniciativa.

Os homens educam-se em comunicação uns com os outros, mediatizados pelo mundo que lhes é comum. São os autores da sua educação, mas simultaneamente, atores que desempenham papéis determinados “em favor”

de sua auto-realização e da realização do Outro. Como construção progressiva do homem, ela deve constituir-se como “ad-miração” (“mirada” ou “visée”) do mundo concreto, e reflexão do homem por ele mesmo. É a condição de possibilidade da emergência do ser histórico e do conhecimento crítico de si e do mundo. É a possibilidade da passagem de uma consciência ingênua a uma consciência crítica, ou “da doxa ao logos”. (6)

Na educação que se pretende humanizante, o homem está a todo momento, em relação de conhecimento com o mundo. Como sujeito cognoscente, dirige-se intencionalmente, pela consciência, ao mundo, que se incorpora a ele. Há neste ato de conhecimento, a inserção crítica na realidade, ao mesmo tempo que a emersão da consciência do tempo e a sua historicização. Assim como, o conhecimento nunca se completa, o homem também, é **inconcluso**, sempre em processo de “se fazer mais”, de “se tornar”, é a sua vocação ontológica, isto é, é própria de todo ser humano esta finitude na transcendência, esta busca do Ser-Mais. As finalidades da educação para o homem inacabado consistem então, em transformá-lo de objeto em sujeito que participa e que dialoga; em ajudá-lo na reflexão sobre o seu mundo, possibilitando-lhe a opção por sua transformação; em estimular-lhe a ação em momentos oportunos, facilitando, por outro lado, a reflexão sobre seu próprio poder de refletir. Neste sentido tal educação afirma-se como uma prática libertadora.

A educação para a libertação dos determinismos culturais começa problematizando a situação em que o sujeito se encontra. É uma preparação para o “perceber crítico”, tanto dos enganos da propaganda, como dos slogans ideológicos e políticos. Trata-se, neste primeiro momento, de despertar e desenvolver a **impaciência**, característica dos estados de estudo, de invenção e de reivindicação, para que o sujeito se incorpore à realidade de seu mundo, depois de se conscientizar dela. A conscientização, já em nível mais complexo de relação do sujeito com o mundo, implica tomada de decisão e em um comprometimento com a situação, de modo que possa buscar a sua transformação, assim como a de si próprio.

Em suma, a educação voltada para a “humanização do homem” compreende-se, essencialmente, por:

- a) crítica, em vez de captação ingênua;

---

(6) José Luiz OLABUENAGA e outros — Paulo Freire: Conscientización y Andragogia, pág. 100.

- b) **consciência** intencional, em vez de cultura do silêncio e da dominação;
- c) diálogo de comunicação, em vez de fechamento pela mistificação da realidade;
- d) **comunhão** ou **cooperação** educativa, em vez de individualismos;
- e) **busca** permanente, em vez de preservação da situação desumanizante;
- f) **criatividade** e não **passividade fatalista**, própria da consciência mágica;
- g) **transformação** e não **adaptação** à realidade.

#### 4.2 Educação do ponto de vista legal, da Indicação Nº 68/75 do CFE.

Depois de uma série de considerações que não cabe aqui, retomar, a Indicação Nº 68/75 define o que vem a ser “**formação pedagógica**” para o magistério de 1º e 2º grau, ou seja, um conjunto de estudos e experiências que capacite o licenciando, para criar situações didáticas para o desenvolvimento da aprendizagem em determinado campo de conhecimentos. Tal capacitação requer o domínio não apenas de conteúdos, mas, também, dos fundamentos científicos do ato docente-discente, e da correspondente metodologia, sempre tendo em vista, os objetivos e caracterização de uma escolarização de 1º e 2º grau. Além desta capacitação, a formação pedagógica supõe um contato freqüente do licenciando com a realidade escolar, para ensaiar modelos, aplicar técnicas e desenvolver as habilidades específicas do ato de ensinar.

Para que tal “**formação**” se concretize, foi necessária uma sistematização em termos de currículo, que por sua vez, apresentou-se em matérias, instrumentação para o ensino e a respectiva prática. Deter-se-á, no presente trabalho, no rol das **matérias** e sua descrição que é o que realmente despertou a necessidade desta reflexão e, portanto, deste trabalho.

As matérias, ou “**matéria-prima**”, bem como a nomenclatura que já se impôs a nível de Conselhos de Educação, constituem a “**parte teórica**” da formação do educador e é integrada pelas seguintes “**matérias**”:

- a) “**Psicologia do Desenvolvimento**: abordagem de características, fases e problemas do crescimento e desenvolvimento

humanos, com seus condicionamentos biológicos e sócio-culturais, enfatizando-se as implicações para os processos de ensino e aprendizagem;

- b) **Psicologia da Aprendizagem:** estudo das bases teóricas e experimentais do processo da aprendizagem humana, visando à sua utilização escolar, com ênfase nas relações pessoais — professor e alunos e alunos entre si — como o elemento dinâmico desse processo;
- c) **Ensino de 1º e 2º graus:** estudo da sistemática atual, encarada na perspectiva de antecedentes e possíveis conseqüentes e considerado em si mesmo — em seus objetivos, princípios, estrutura, currículo, organização e funcionamento — e enquanto parte da Educação Brasileira;
- d) **Metodologia do Ensino de 1º e 2º graus:** como um destaque operativo do aspecto de currículo, a ser tratado genericamente, na matéria anterior, particularizando-se a situação didática nos procedimentos de planejar, conduzir e avaliar o processo de aprendizagem, sempre com um sentido prático em que esteja apenas implícita a teoria do método em educação. (7)

Refletindo-se sobre as “matérias” que devem constituir a formação pedagógica de um educador, nota-se inicialmente, a ausência **material**, ou sob o nome de uma matéria específica, de uma reflexão sobre a **condição humana**, ou sobre o homem enquanto um ser que está no mundo e com o mundo, e que por isso pode transformá-lo. Em Psicologia do Desenvolvimento, por exemplo, prevê-se um estudo descritivo das características, fases e problemas do desenvolvimento humano, chamando-se a atenção inclusive para os condicionamentos biológicos e sócio-culturais. Pela experiência concreta que se tem vivido, em termos de cursos de Licenciatura, sabe-se que tal disciplina é ministrada, exatamente, dentro dos moldes legais, quando poderia muito bem se constituir em condição de possibilidade para uma tomada de consciência da condição humana em sua pluralidade de dimensões.

Tratar-se-ia de estudar o homem não somente através de uma dimensão orgânica e mental, no sentido de sua “**evolução**”, mas de refletir cri-

---

(7) MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, Conselho Federal de Educação, Comissão Central de Revisão de Currículos, Brasília, 2/12/75 ( Parecer nº 4873 ).

ticamente sobre o que este homem de 2 anos de idade tem em comum com um adolescente e um adulto. Será que os três são “humanos”? Será que todos eles estão **no** mundo e **com** o mundo? Será somente o adulto, que “atingiu a maturidade”, a construir sua própria história e a cultura? Sabe-se que o homem é um ser em desenvolvimento e que não conhece a realidade concreta, sempre de um mesmo ponto de vista: aos dois anos por exemplo, ele apreende o real que está **presente** a ele, **imediatamente**, não tendo ainda, por razões de seu próprio desenvolvimento mental, condição de possibilidade para fazer abstrações desta realidade, que ele só conhece porque pode vê-la e senti-la.

O que se pretende com este questionamento, é um alerta aos futuros professores para que, tomando consciência da situação concreta na qual estão situados, no caso citado, a própria situação de alunos e futuros educadores, reivindiquem o direito que lhes foi dado ao nascerem “humanos” de refletir sobre sua condição de ser Homem. Poderiam sugerir, dotados de espírito crítico, iniciativa e criatividade como são, além do que, freqüentemente, recebem em termos de uma psicologia do desenvolvimento, um estudo reflexivo sobre a condição humana, sobre a **Existência**, fato primeiro e ponto de partida de todo o seu desenvolvimento, assim como de todo o processo de edificação humana.

Por outro lado, a tarefa é também, dos próprios educadores que ministram a disciplina. É preciso que se conscientizem da necessidade de uma fundamentação antro-filosófica para o ensino, de modo que o torne mais significativo a quem dele participa. Portanto, a tarefa não é só de educandos ou somente dos educadores, mas de ambos, em cooperação.

O que se disse sobre a situação da referida “matéria”, vale para as restantes: na ausência de uma filosofia da educação ou de uma antropologia filosófica, que reflitam sobre os problemas do Homem e de sua Educação, cabe aos educadores e educandos a tarefa de criar condições para um pensar crítico.

Arrolou-se, no início deste trabalho, algumas possíveis razões da inexistência da filosofia, enquanto reflexão sobre a condição humana e a educação. Assumir-las-á, pois principalmente, enquanto expressam uma realidade cultural específica — a do Brasil. Não é objetivo deste trabalho retomá-las por uma reflexão mais ampla. Este, já constitui objeto de outro estudo.

## 5. CONCLUSÃO

O problema da ausência de uma reflexão filosófica sobre o homem, na formação de professores para o 2º grau, não se pretendeu resolvido

por este trabalho. A reflexão sobre tal problema buscou muito mais, problematizá-lo, do que lhe propor soluções.

O objetivo e a orientação que nortearam essas reflexões, tiveram a preocupação central de **levantar o problema** e criar condições para sua **retomada** por outros educadores. Trata-se de uma questão que atinge de perto, aquelas pessoas que se inquietam diante de obstáculos à constituição de uma educação autêntica, portanto, libertadora e não opressora.

Procurou-se, inicialmente, caracterizar a Filosofia enquanto inexistente na formação pedagógica do educador, para em seguida caracterizá-la como **postura** própria a todo ser humano, portanto, necessária em qualquer empreendimento humano.

A fim de buscar um suporte teórico para o que se afirmara anteriormente, procurou-se refletir sobre a condição humana, ou Existência, como fundamento primeiro da “reflexão filosófica”, e ponto de partida para o trabalho humano, ou a práxis educativa. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que **justifica** a postura humana do filosofar, a **Existência** é o fato primeiro a se considerar, na construção de um projeto de educação permanente.

## 6. BIBLIOGRAFIA

- 6.1 FRANCO, Fausto — **El Hombre: Construccion Progressiva**. La tarea educativa de Paulo Freire, Madrid, Marsiega, 1973.
- 6.2 FREIRE, Paulo — **Educação como Prática da Liberdade**, Rio, Paz e Terra, 1971.
- 6.3 FREIRE, Paulo — **Pedagogia do Oprimido**, Rio, Paz e Terra, 1974.
- 6.4 OLABUENAGA, José I. Ruiz e outros — **Paulo Freire: conscientizacion y Andragogia**. Buenos Aires, Paidós, 1975.
- 6.5 SAVIANI, Demerval — **Educação Brasileira. Estrutura e Sistema**. São Paulo, Saraiva, 1973.
- 6.6 Ministério de Educação e Cultura. Conselho Federal de Educação. **Formação Pedagógica das Licenciaturas. Indicação Nº68/75** de autoria do conselheiro Valnir Chagas. Brasília, 4/12/75.